

# *Dívida externa* Gros promete cumprir acordo feito com FMI

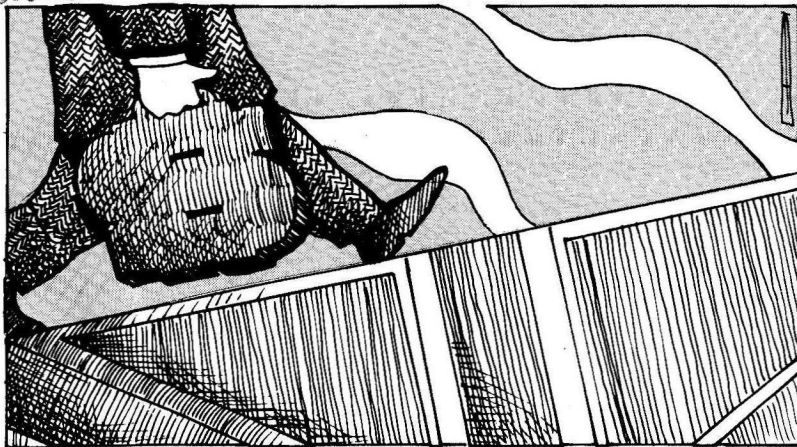
**Vera Ramos**

Correspondente

**Londres** — Acompanhado pelo negociador da dívida externa, Pedro Malan, e pelo diretor da Área Externa do BC, Armínio Fraga, o presidente do Banco Central, Francisco Gros, retomou ontem as negociações com os bancos credores privados britânicos, numa visita relâmpago de apenas 24 horas à capital inglesa. Durante os encontros, a principal preocupação da missão foi assegurar aos representantes ingleses o firme propósito do Governo de cumprir com o memorando técnico e com os termos da recente Carta de Intenções, apesar das pressões internas.

Na esperança de obter o apoio político da Inglaterra com vistas à assinatura de um novo acordo *stand by* com o Fundo Monetário Internacional, em Nova Iorque, a missão brasileira fez questão de reiterar aos seus interlocutores ingleses que o Brasil mantém-se firme na disposição de conter o déficit público e não permitir despesas que estejam fora das previsões orçamentárias. O presidente do BC estava se referindo ao recente aumento de 147,06 por cento para os aposentados e pensionistas.

A programação de encontros com as autoridades inglesas começou às 10h com o secretário do Tesouro, John Maple. À tarde, a missão brasileira participou de uma reunião de trabalho com o vice-presidente do Banco da Inglaterra, Edward George, e



teve audiências com o representante do Midland Bank, Stewart Gager, principal credor privado inglês, e ainda com o presidente do Lloyds Bank, Jeremy Morse.

Antes de embarcar no final da tarde para Paris para um encontro com o secretário do Tesouro francês, Jean Claude Trichet, Francisco Gros explicou aos jornalistas, durante uma coletiva à imprensa concedida na sede do Lloyds Bank, no centro da City, que o Brasil não pretende dar tratamento diferenciado no seu acerto de contas com os bancos credores privados e oficiais. No entanto, reiterou que o País não tem condições de "pagar tudo e a todos ao mesmo momento". O presidente do Banco Central disse ainda que as negociações em curso sobre o volume de garantias de bônus com as instituições privadas terão que fazer parte de um acerto geral com os bancos oficiais no Clube de Paris. "São dois lados de uma mesma moeda", enfatizou ele.

Mas a principal preocupação manifestada pelos ingleses durante as conversas com a missão brasileira ontem foi com relação à recente medida concedendo 147,06 por cento de aumento

para o pagamento dos aposentados e pensionistas. Na tentativa de tranquilizar os banqueiros britânicos, o presidente do Banco Central assinalou que a reivindicação era apenas mais uma demanda feita por um setor da sociedade e que o mérito da mesma ainda não havia sido julgado pelo Supremo Tribunal Federal. Lembrou a determinação do governo Fernando Collor de Mello de não gastar nada além do que estiver arrolado em seu orçamento e que caberá ao Congresso definir a origem desses recursos financeiros.

Pressionado por um jornalista inglês que quis saber se a recente alta da inflação poderia comprometer o bom andamento das negociações com os credores internacionais, o presidente do Banco Central enfatizou que o Brasil pretende cumprir com todos os compromissos firmados seja com inflação alta ou baixa. Ele assinalou que a expectativa inflacionária brasileira era um fenômeno mais complicado de ser entendido por um estrangeiro mas que o Governo estava atento para reformular se necessário qualquer política econômica que estivesse dando maus resultados.

15 JAN 1992

CORREIO BRAZILEIRO